

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

AXIS-MUNDI: CARTOGRAFIA REGRESSIVA, HISTÓRIAS PARTILHADAS E CIRCULAÇÕES PLANETÁRIAS NA CIDADE DO MÉXICO

Mauricio Cavalcante Lima (mauricio.cavalcantelima@usp.br)

Elegendo a Cidade do México, antiga capital mexicana sob o nome de Tenochtitlán, como estudo de caso, a partir dos conceitos de “paisagem cultural” (SANTOS, 1996; MENESES, 2002), “mundialização” (GRUZINSKI, 2004) e “hibridismo cultural” (BURKE, 2003), procura-se discutir a natureza híbrida da paisagem dessa cidade em interface ao seu entorno, os arredores do Lago Texcoco, suas preexistências nativas e outras zonas do colonialismo Ibérico em uma perspectiva de longa duração (BRAUDEL, 1979a, 1979b). Para isso, por meio de um arcabouço teórico e metodológico plural, vale-se de fontes primárias diversas - cartas-relatório, cartografias, relaciones geográficas, códices mixteco-nahuas, relatos e cantos - em associação a mídias atuais, essenciais não apenas para tratar dessa temática em específico, mas também para o estudo do território e suas paisagens a partir de perspectivas decoloniais.

Na região central do México, em meio às águas salobras do Lago Texcoco, como prenunciado pelo deus Huitzilopochtli, foi formada por volta de 1325 a capital Tenochtitlán, que em seu período áureo passou a subjugar inúmeros altepeme juntamente a Texcoco e Tacuba, estabelecendo-se como um polo de poder no Vale do México. A capital apresentava três vias principais que se conectavam à terra firme e convergiam no Templo Maior, o axis-mundi, local onde as dimensões espaciais da cosmovisão nativa, a horizontal - centro e os quatro rumos da terra - e vertical - céu, terra e inframundo -, convergiam. A escolha de Cortés, em 1522, de transformar a antiga capital no centro da expansão castelhana pela Mesoamérica, mesmo que debatida, justificava-se, como aponta George Kubler (1948), por três principais razões: a capacidade econômica do sítio, seu valor estratégico e o seu prestígio.

Passa a constituir um caso notório do processo de urbanização colonial e das complexas e múltiplas relações de fertilização mútua estabelecidas entre nativos e estrangeiros e o ambiente circundante, em terra e ultramar. A Cidade do México e seu entorno são produtos e vetores, objetos materiais e suportes de informações de tipo relacional. Dessa maneira, essa paisagem não é palco ou cenário, mas agente ativo, no qual as informações morfológicas, tecnológicas e funcionais desembocam no mundo das relações estabelecidas entre sujeitos. Nesse sentido, para esse estudo, tem-se como alicerce teórico a conceituação de paisagem encontrada nos estudos de Milton Santos (2004) e Ulpiano Bezerra de Meneses (2009), o que pede uma extrapolação dos limites geográficos da Cidade do México para a sua análise e o uso crítico, amplo e articulado da arqueologia e cultura material.

A partir desse conjunto de fontes primárias e secundárias, a capital do vice-reino da Nova Espanha, enquanto paisagem cultural híbrida, mostrou-se não apenas como axis-mundi da esfera horizontal e vertical no pensamento nativo, mas também como centro do projeto de mobilização ibérica, atuando como polo administrativo, militar, político e cultural, capaz de articular o necessário para o projeto colonial empreendido pela Coroa Espanhola e pela Igreja, com sua história conectada à circulação de pessoas, objetos e saberes, no qual o nativo assumiu um papel de protagonismo.

Palavras-chave: história do urbanismo; hibridismo cultural; México; colonialismo ibérico.

